

## CLARICE LISPECTOR: A ESCRITA DA INCOMPLETUDE PARA O GOZO DO LEITOR

Paulo Roberto Antunes<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto tem como objetivos discutir as principais características da metodologia micro-histórica, suas contribuições e importância para um maior dinamismo e “renovação” dos estudos históricos. Serão analisadas a contribuição desta metodologia para os estudos acerca do estabelecimento das redes sociais durante o Antigo Regime colonial brasileiro e, deste modo, entender a dinâmica das relações sociais estabelecidas nesse período. Para a realização de tal exercício, analisar-se-á as trajetórias de algumas famílias da freguesia de Guarapiranga no final do século XVIII e início do XIX para, dessa forma, esclarecer, de forma ainda inicial, como a micro história pode ser uma rica ferramenta nos estudos em questão.

**Palavras-Chave:** Micro história; Redes sociais; Antigo regime.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss the main characteristics of the micro-historical methodology, their contributions and importance to greater dynamism and "renewal" of historical studies. We seek to analyze the contribution of this methodology for studies on the establishment of social networks during the Brazilian Colonial Old Regime and thus understand the dynamics of social relations in this period. For conducting such an exercise will analyze the trajectories of some families of the parish of Guarapiranga, in the late eighteenth and early nineteenth century to thereby clarify even original form as micro history can be a rich tool in the study in question.

**Keywords:** Micro history; Social networks; The old regime.

### INTRODUÇÃO

A grande obra tem de ser obscura, exceto para poucos, para aqueles já iniciados em mistérios. Comunicá-los é secundário. Necessário mesmo é um bom leitor.

Henry Miller

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso), graduado em Direito pela FDCL e Pedagogia pela Unimes; professor de Comunicação da Faculdade Santa Rita – FaSaR.

Caminhantes solitários em direção à nossa própria tumba, pois “morrer é uma noite selvagem e uma nova estrada”<sup>1</sup>, somente há como indubitável o término de nossa existência, o penetrar a “nova estrada” da visão dickinsoniana. Tudo o mais resta como solto, fragmentos dispersos do passado e do presente. Do futuro, apenas temos a ilusória sensação de estabilidade. Almejando, neste trabalho, refletir acerca do gozo do leitor causado pela incompletude que emana da escrita, especialmente frente a textos que possibilitam a infinitude de múltiplas leituras – já que a ausência de eternidade nos assombra e causa prazer angustiante –, elegemos a obra de Clarice Lispector para melhor explicitar tal temática, mesmo porque “a gente tem a forte impressão de que projeto literário de Clarice é o de ampliar as ambigüidades do mundo e não o contrário”.<sup>2</sup>

Partindo do pressuposto de que a palavra *gozo* admite diversificadas acepções, torna-se necessária uma visão esclarecedora acerca do vocábulo que permeará nosso texto:

A palavra gozo tem múltiplas utilizações, desde a significação sexual até a de deleite, desfrute, se estendendo com a psicanálise, aqui já como um conceito. Dizemos que o gozo está para além do prazer e é o que produz a aderência aos sintomas. Por isso é penoso e difícil abandonar os sintomas, porque neles há um benefício. Um ganho secundário, indireto.<sup>3</sup>

Segundo Roland Barthes (1973), o texto de gozo é sempre insuportável, sempre colocando em jogo a morte, a perda, a destruição das certezas do sujeito, a ruína de seus alicerces. Ao leitor de Clarice é conferida com amplitude a possibilidade do gozo devido à incompletude das palavras que seleciona, de seu intrigante e estranho modo de narrar, de suas idéias “caóticas”, de seus mundos nublados e seus personagens fragmentados na essência, incompletude esta que se pode

---

<sup>1</sup> Frase de autoria de Emily Dickinson (1830-1886) retirada de “Cadernos entre Livros”, volume 3, página 30, publicação da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda, São Paulo, 2007, que serviu de epígrafe para o ensaio de José Lira intitulado “Emily Dickinson: a branca voz da solidão”.

<sup>2</sup> Fala da professora doutora Ana Maria Clark Peres proferida durante aula da disciplina “Clarice Lispector e a orientação em direção ao Real: uma questão de estilo”, realizada em 17-04-2007, no Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais no campus da Pampulha em Belo Horizonte-MG.

<sup>3</sup> Optamos por esse esclarecimento referente à palavra mencionada, objetivando proporcionar ao leigo em Psicanálise uma visão mais clara sobre o termo. Trata-se, aqui, de definição realizada pela psicanalista Regina Teixeira da Costa, na coluna “Em Dia com a Psicanálise”, retirada do texto “O mandamento pós-moderno”, publicado no jornal Estado de Minas, Caderno Cultura, página 2, em 10 de julho de 2007.

entender como uma marca de insistência no interior de seus densos textos em que os signos linguísticos<sup>1</sup> vêm para consertar e desconsertar a vida, apresentando-se como cacos de um mosaico que teima na formatação do simbólico fixo e imutável, mas que termina sempre atropelada pela própria incapacidade de tornar estática e fechada a desordenada utopia da significação exata. A fragmentação textual de que tratamos foi testemunhada pela amiga da romancista, Olga Borelli: “Clarice tomava notas onde quer que estivesse. Na lanchonete, em guardanapos; no cinema, no maço de cigarros. Clarice ia construindo suas obras fragmentariamente”.<sup>2</sup>

A escrita clariceana expõe indícios de que a escritora tinha consciência e até intimidade com a noção de que as incompletudes na narrativa eram modo exato de fisgar o leitor, pois ele mesmo – ser incompleto e angustiado – paradoxalmente se sente atraído (e goza) por (com) doses maiores de consciência da ausência de plenitude na vida, nos seres, nas coisas. Daí depreender-se que a escrita “incompleta”, “indecisa” e em constante estado de abertura para outras complementações é mais instigante e perfeita, pois conforme assegura PERES (2005, p. 93) “O curioso é que, para muitos críticos, a obra é sinônimo de perfeição, justamente quando ela escancara a impossibilidade da perfeição, ou seja, a incompletude (a “não-relação sexual”), transmitindo-nos o real do gozo e provocando, assim, incontáveis, indecíveis leituras”.

Já em sua primeira publicação, “Perto do Coração Selvagem”, o leitor se depara com a própria autora confessando seu sentimento de incompletude frente ao desejo e à nomeação: “O que desejo ainda não tem nome”<sup>3</sup>. É a visão clariceana denunciando a instabilidade do desejo, a linguagem com suas falhas, suas lacunas infindáveis, mas também com, e por isso, suas amplas possibilidades de (re)inventar (desejar e gozar novos) universos:

---

<sup>1</sup> Pensamos a palavra signo, neste texto, em conformidade com a Lingüística de Saussure, para a qual “o “significado” é um conceito, uma idéia referenciada à palavra, e não o objeto real a que se refere. Da mesma forma, o “significante” não é o som pronunciado ao se enunciar uma palavra, mas a sua imagem acústica. O significante e o significado têm absoluta independência um do outro, aparecendo como um par associado, mas não estanque e fixo. Já para Lacan, o significante não só é autônomo em relação ao significado, como também tem uma importância essencial que não pode ser igualmente atribuída ao significado (...)” (BATTAGLIA, 2007, p. 18).

<sup>2</sup> Depoimento contido no livro “Clarice Lispector – Literatura Comentada”, na página 4, editado pela Abril Educação em 1981.

<sup>3</sup> LISPECTOR, 1995, p. 82.

A linguagem em Clarice não é um instrumento submisso de descrição do mundo, mas um espaço de invenção, já que o mundo não há além daquele que intuímos, sentimos e, pensando, dizemos. Percurso de acidentes, de renúncias, de impossibilidades, em que se aceita a insuficiência da palavra como continente. Aprendizado da limitação que ela admitia com humildade.<sup>1</sup>

Ao se colocar como incapaz de nomear o que deseja, Clarice produz em seu leitor um efeito especularizável: ele se vê a si como objeto paciente dele próprio na medida que se descobre como ser insaciável e condenado ao desejo, à insatisfação eterna, pois cada desejo saciado abre uma fenda para um novo desejar, ininterruptamente, afinal o desejo aloja-se sempre fora, nunca dentro de nós mesmos:

O desejo é sempre de outra coisa, que não complementa a imagem e não satisfaz as pulsões – o desejo pressupõe a falta. Falta que, aliás, marca uma das diferenças entre Freud e Lacan: enquanto para Freud o desejo tem uma gênese empírica na perda de simbiose do bebê com sua mãe, para Lacan o desejo é a necessária relação do ser com a falta.<sup>2</sup>

A obra de Lispector, desde cedo, é pontuada por genialidade ímpar e o diferencial de se apresentar dissociada da padronização daquelas de que, até então, se tinha notícia no panorama literário brasileiro. Não é por acaso que sua produção textual na infância já continha o estigma do hermetismo:

Ali (Diário de Pernambuco) eram publicadas as melhores histórias enviadas pelas leitoras mirins, com sorteio de vários prêmios. Nunca ganhei nada. Depois de muito pensar encontrei o porquê: todas as histórias vencedoras relatavam fatos verdadeiros. As minhas continham sensações vividas por personagens fictícias. (GOTLIB, 1995, p. 87)

Ora, escrever *sensações vividas* é pontuar-se no epicentro desconcertante da incompletude e gozar receosamente o terremoto da palavra redigida, pois conforme já dissera a ficcionista, *escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permanecerá apenas vago*

---

<sup>1</sup> Trecho do texto “Perto de Clarice”, redigido pela professora de Literatura Brasileira dos cursos de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ, Rosiska Darcy de Oliveira, inserido como apresentação do livro “Perto do Coração Selvagem” na edição de 1995 da Editora Francisco Alves.

<sup>2</sup> Explicação contida no texto “A estrutura do Psiquismo”, de autoria de Laura Battaglia, publicado na página 18 da Revista Viver – mente e cérebro, Coleção Memória da Psicanálise, edição especial intitulada “A lógica do sujeito em Lacan”, publicada pela Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda em 2007.

e sufocador. *Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada*<sup>1</sup>, enfim, a escritura clariceana é paradoxal elo de troca de incompletudes entre autor e leitor quando sincronizados à procura do gozo no texto porque vivenciar “sensações vividas” pelo outro é um doloroso processo de experimentar pela metade.

Em “A Maçã no Escuro” muitas marcas de pontuações da falta de sentido, da incompletude são lançadas, *Perdi a linguagem dos outros* (p. 31), *A harmonia – uma harmonia imensa e sem sentido – rodava com sua cabeça vazia* (p. 53), [...] *tocar na grande falta era talvez a aspiração de uma pessoa.* (p. 174). E o mesmo processo reitera-se em livros subseqüentes: “A Paixão Segundo G. H.”: *Só meus retratos é que fotografavam um abismo? Um abismo. Um abismo de nada. Só essa grande coisa grande e vazia* (p. 27), *O quarto era o retrato de um estômago vazio* (p. 48); *Sentir esse gosto do nada estava sendo a minha danação e o meu alegre terror.* (p. 122); “Água Viva”: *Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido* (p. 11), *Atrás do pensamento não há palavras [...]* (p. 27), *Só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto vazio onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca* (p. 72); “Um sopro de vida (Pulsações)”: *Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram-se os significados.* (p. 14), *De repente as coisas não precisam mais fazer sentido. [...]* *O não sentido das coisas me faz ter um sorriso de complacência.* (p. 13); “A Hora da Estrela”: *Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever* (p. 31), *A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique* (p. 31), *É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.* (p. 36).

Nesse processo de exteriorização da falta de sentido das palavras e do mundo que ela tenta representar, a autora se envereda (e nos guia a nós, leitores) por um interminável túnel de incompletudes que gradativamente vai tornando o texto mais instigante e delicioso em direção ao alvo pretendido: o gozar. E o gozo que temos ao percorrer as trilhas textuais da obra clariceana se desdobra em novos gozos, que trazem outros gozos... – orgasmos.

---

<sup>1</sup> In GOTLIB, 1995, p. 28.

A própria personagem central da última obra escrita por Clarice, “A Hora da Estrela”, Macabéa, apresenta-se como uma nulidade, um nada que de tão vazio expande o gozar do leitor da/na leitura da novela que, como a própria autora define, é ausência sonora e questionamento: “Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta”<sup>1</sup>. Então pode-se pensar que Macabéa, enquanto incompletude, atinge ponto mais elevado do ser em estado de ausência, falta, causando o clímax do gozo de quem lê porque se projeta no horizonte mental como **antídoto para alívio da angústia do escritor e do próprio leitor** (grifos nossos), angústia gerida pela sensação de falta de sentido em tudo e todos: “Serve-se [Clarice], portanto, da própria angústia, fazendo um bom uso dela. Nós, seus leitores, também nos servimos de Macabéa, fazemos um bom uso de sua “loucura” angustiante em nossos exercícios de leitura-reescritura” (PERES, 2005, p. 119).

O produto final da mescla entre linguagem e sentido propicia um espaço de ausências e vazios possibilitando a iniciação da comunicação e, durante o processo de produção e recepção da obra literária, compõe-se a relação de diálogo entre autor, obra e leitor. E nesse processo dialógico, “a fusão de expectativas acontece necessariamente, pois as do autor se traduzem no texto e as do leitor são transferidas ao texto. Assim o texto é o espaço em que ambos podem estranhar-se ou identificar-se”.<sup>2</sup>

A literatura de Clarice é, em quase sua totalidade, um ato de estranhamento e auto-estranhamento das personagens (e leitores) à busca da própria identidade que lhes foi roubada pelo cotidiano, daí a presença de tantas epifanias que, paradoxalmente, são reveladoras de uma falta, uma incompletude que nunca se esgota, e mais, incide pontiaguda sobre a (in)consciência do leitor na posição do sujeito em êxtase durante o processo de gozo e:

Mais ainda, Clarice também capta com maestria a posição do sujeito diante do próprio discurso e evidencia que um ato – mesmo em discurso – não permite neutralidade: ainda que em um aparente monólogo, o sujeito está dividido entre aquele que fala e aquele que escuta. (BATTAGLIA, 2007, p. 54)

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, 1984, p. 37.

<sup>2</sup> Trecho do trabalho “A Literatura de Massa na perspectiva da recepção da estética”, redigido e apresentado pela professora Márcia Adriana de Souza Verona no XI Encontro Regional da ABRALIC 2007 em 24-07-2007 no Simpósio “Literatura, Artes, Saberes”, a ser publicado nos Anais da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Como se percebe, observamos que a escrita da incompletude tecida de forma artesanal por Clarice leva o leitor à literatura de gozo, pois “permite entrever as possibilidades e os limites daquilo que a palavra não é capaz de dizer”<sup>1</sup>, possibilidades e limites estes que sempre abrem portas para outras portas no minado e desconcertante campo da significação, aplicando na corrente sangüínea do leitor a sensação de um iletrado tsunami que afoga, mas extasia. Assim é a literatura clariceana:

[...] é um não sentido que se configura, não porque há algo recalcado, que um dia esteve ali e não consegue ser rememorado, mas porque há um limite real da linguagem que esbarra na denominação de um objeto constituinte que não está em parte alguma, que no entanto se interpõe no curso da vida marcando sua borda.<sup>2</sup>

Tal objeto amórfico e inacessível, ao qual Lacan denominou “objeto a”, é o verso e o anverso, a sombra e a luz, imagem e anti-imagem do cosmo clariceano para nosso gozo literário. A obra da autora, escrita no passado e amplamente estudada no presente, devido à sua opacidade e abertura para o nosso nada/tudo vivente, já nasceu projetada para o futuro, predestinação dos verdadeiros imortais. E dela, em nós, estão e permanecerão os resíduos, flutuantes resíduos de uma mente nua, porque “a grande contribuição da humana demasiada humana Clarice é devolver a todos os seus leitores a grandeza de um fracasso”<sup>3</sup>, doce e vitorioso fracasso, já que *A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível*<sup>4</sup>. O retorno com a ausência, a escrita da incompletude: – gozo.

---

<sup>1</sup> BATTAGLIA, 2007, p. 54.

<sup>2</sup> BATTAGLIA, 2007, p. 54.

<sup>3</sup> Trecho do texto de Júlio Diniz contido na orelha do livro “A procura da palavra no escuro – uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector”, de autoria de Gabriela Lírio Gurgel, editado pela Viveiros de Castro Editora Ltda., no Rio de Janeiro em 2001.

<sup>4</sup> LISPECTOR, 1994, p. 98.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BATTAGLIA, Laura. **Dossiê: o enigma Clarice Lispector**. In: “Os limites da palavra”. REVISTA ENTRE LIVROS. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda, ano 2, número 21, 2007.

CAMPEDELLI, Samira Youssef; JÚNIOR, Benjamim Abdala. **Clarice Lispector – Literatura Comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

COSTA, Regina Teixeira da. In: **Jornal Estado de Minas, Caderno Cultura**. Belo Horizonte: 10 de julho de 2007.

DINIZ, Júlio. Texto sem título. In: GURGEL, Gabriela Lírio. **A procura da palavra no escuro - uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda, 2001.

GOTLIB, Nádya Battella Gotlib. **Clarice – uma vida que se conta**. São Paulo: Editora Ática S. A., 4ª. Edição, 1995.

LIRA, José. In: **Cadernos entre Livros**. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 16ª. Edição, 1995.

\_\_\_\_\_, Clarice. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 9ª. Edição, 1995.

\_\_\_\_\_, Clarice. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 18ª. Edição, 1995.

\_\_\_\_\_, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 13ª. Edição, 1994.

\_\_\_\_\_, Clarice. **Um sopro de vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: **Coleção Mestres da Literatura Contemporânea**, Editora Record, 1984.

PERES, Ana Maria Clark; PEIXOTO, Sérgio Alves; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. **O Estilo na Contemporaneidade**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005, 303 p.

\_\_\_\_\_, Ana Maria Clark. In “**A Angústia na literatura: a experiência de Clarice Lispector**”. REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

REVISTA VIVER – MENTE E CÉREBRO. **Coleção “Memória da Psicanálise”**. Edição Especial: “A Lógica do Sujeito em Lacan”. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda., número 04, 2007.

VERONA, Márcia Adriana de Souza. **A Literatura de Massa na perspectiva da recepção da estética**. In: Encontro Regional da ABRALIC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. São Paulo: Simpósio: Literatura, Artes, Saberes, 24-07-2007.